



A actividade e inactividade económica nas famílias

Autora: *Maria dos Anjos Leitão de Campos*

- Técnica Superior de Estatística no Departamento de Estatísticas Censitárias e População/Serviço de Estudos sobre a População do Instituto Nacional de Estatística

Resumo:

O objectivo deste estudo foi o de caracterizar as famílias clássicas residentes em Portugal, segundo uma abordagem socio-económica, visando particularmente o representante da família e utilizando os resultados definitivos dos Censos 2001. As variáveis analisadas foram essencialmente a actividade e inactividade económica, com enfoque no emprego e desemprego dos representantes das famílias.

Abstract:

The goal of this study was to describe the main types of resident families in Portugal, based on a socio-economic approach which focuses on the head of the family and uses the final results of the 2001 Census . The basic variables analysed were economic activity and inactivity, particularly with respect to the employment and unemployment of the heads of families.

Palavras chave:

Famílias clássicas, actividade, inactividade, emprego, desemprego, dimensão média

Key-words:

Private household, economic activity, inactivity, employment, unemployment, average size of private household

Economic activity and inactivity of households

A actividade e inactividade económica nas famílias em Portugal

No presente estudo pretende-se caracterizar as famílias clássicas residentes em Portugal, através de uma abordagem socio-económica, visando sobretudo a actividade e inactividade económica do representante da família, utilizando para tal os resultados definitivos dos Censos 2001.

Da relação entre a família e a actividade económica dos seus representantes ou dos seus membros podem resultar situações de precariedade económica e social, como a pobreza e a exclusão social, que se associam muitas vezes a alguns tipos de composição familiar, como sejam, as famílias unipessoais, os núcleos familiares monoparentais e os avoengos. Por outro lado, alguns fenómenos demográficos, tais como o envelhecimento da população e o aumento da esperança de vida ficam associados ao aumento do número de famílias unipessoais e dos núcleos avoengos.

Saber se o representante de cada família ou membro de cada núcleo familiar é ou não activo economicamente, se está ou não desempregado, em 2001, é a questão central desta análise, e que se estende a nível geográfico NUTS III, de acordo com a geografia existente à data da realização dos Censos 2001.

1. Famílias clássicas segundo a condição perante a actividade económica do representante

1.1 - A actividade e inactividade

Na primeira parte procede-se à análise das famílias clássicas das quais fazem parte as famílias sem núcleos, com um núcleo, com dois e com três ou mais núcleos.

Em 2001, existiam cerca de 3,7 milhões de famílias clássicas, em Portugal, tendo a maioria (61,8%) representantes economicamente activos.

Lisboa e Vale do Tejo distingue-se por ser a região com a proporção mais elevada de famílias com representantes activos (63,6%), seguida de muito perto pelo Norte (63,4%). Em oposição, o Alentejo registou a mais elevada proporção de famílias cujos representantes eram inactivos (46,3%). Os representantes das famílias em situação de inactividade eram maioritariamente reformados, em todo o país, porém mais evidente no Alentejo, onde o envelhecimento da população foi mais acentuado, com um índice de envelhecimento de quase 163 idosos por cada 100 jovens, valor bastante superior à média nacional e ainda, com uma proporção de população jovem mais baixa do que a média nacional.

Quadro 1

Famílias clássicas, segundo a condição perante a actividade económica dos representantes, por NUTS II, 2001

NUTS	Total	Com actividade económica		Sem actividade económica	
		Total	%	Total	%
Portugal	3 650 757	2 256 364	61,8	1 394 393	38,2
Continente	3 505 292	2 167 072	61,8	1 338 220	38,2
Norte	1 210 631	768 143	63,4	442 488	36,6
Centro	640 724	370 142	57,8	270 582	42,2
Lisboa Vale Tejo	1 302 442	828 306	63,6	474 136	36,4
Alentejo	202 257	108 657	53,7	93 600	46,3
Algarve	149 238	91 824	61,5	57 414	38,5
R.A. Açores	71 846	44 378	61,8	27 468	38,2
R.A. Madeira	73 619	44 914	61,0	28 705	39,0

Fonte: INE, Censos 2001

Ao nível geográfico mais desagregado, evidenciam-se algumas proporções elevadas de famílias com representantes activos, no Norte: em Entre Douro e Vouga (68,1%), no Ave (67,3%) e Cávado (66,5%); no Centro: no Baixo Vouga (64,6%) e Pinhal Litoral (64,4%); e em Lisboa e Vale do Tejo: Grande Lisboa (64,9%) e Península de Setúbal (64,6%).

Em situação oposta, as menores percentagens ocorreram no Pinhal Interior Sul (44,7%), na Serra da Estrela (49,2%), em Alto Trás-os-Montes (49,3%) e Beiras Interior Sul (49,8%). Este facto pode eventualmente ser explicado pelo significado número de idosos com actividade económica na agricultura.

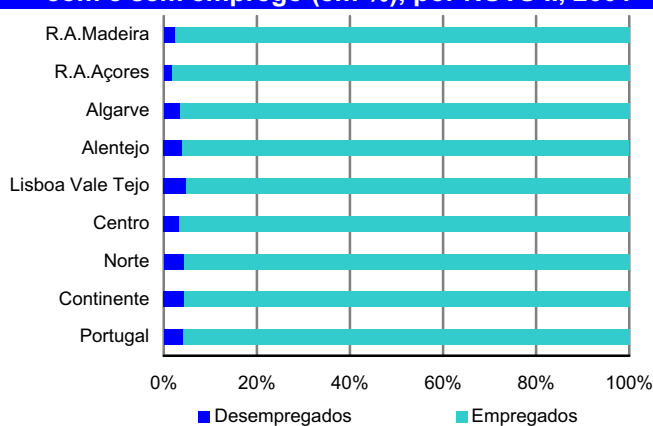
1.2 - O emprego e desemprego

Em 2001, em Portugal, cerca de 2,2 milhões de famílias clássicas tinham representantes empregados e 95 mil tinham representantes desempregados. Neste mesmo ano, do total de famílias com representantes activos, a quase totalidade tinha um emprego (95,8%), situação muito semelhante a nível regional, apresentando proporções mais elevadas nas Regiões Autónomas dos Açores (98,2%) e da Madeira (97,6%).

Pelo contrário, as maiores proporções de famílias cujos representantes estavam activos mas desempregados, verificaram-se em Lisboa e Vale do Tejo (4,8%) e no Norte (4,4%), com valores acima da média nacional (4,2%).

Figura 1

Famílias clássicas com representantes activos, com e sem emprego (em %), por NUTS II, 2001



Fonte: INE, Censos 2001

O desemprego foi mais evidente nos representantes de famílias residentes em algumas sub-regiões do país, tais como, no Grande Porto (5,7%) e na Península de Setúbal (5,6%), no Alentejo Litoral (5,3%) e no Baixo Alentejo (5,1%), com valores acima de 5%, em contraste com o Pinhal Litoral, onde a proporção de famílias nesta situação atingiu o valor mínimo de 1,9%.

1.3 - A inactividade económica

Em Portugal, no momento censitário de 2001, os representantes das famílias em situação de inactividade económica eram maioritariamente reformados (grupo onde se inclui os indivíduos aposentados ou na reserva), ou seja, 83,3% do total de famílias com representantes inactivos.

Quadro 2

Famílias clássicas com representantes inactivos (em %), Portugal e NUTS II, 2001

NUTS	Estudantes	Domésticos	Reformados	Inc.perm.trab.	Outros
Portugal	1,3	3,0	83,3	5,0	7,5
Continente	1,3	2,9	83,4	4,8	7,5
Norte	1,1	3,8	80,6	5,5	9,0
Centro	1,2	2,8	84,1	5,8	6,1
Lisboa Vale Tejo	1,7	2,5	84,7	3,9	7,2
Alentejo	0,4	1,3	89,1	4,0	5,1
Algarve	1,5	2,8	82,6	4,3	8,8
R.A. Açores	0,7	4,0	82,1	7,7	5,5
R.A. Madeira	0,5	5,9	76,5	8,7	8,3

Fonte: INE, Censos 2001

O Alentejo registou a maior proporção de famílias cujos representantes eram indivíduos reformados (89,1%), situação certamente ligada ao acentuado envelhecimento da sua população, seguindo-se-lhe Lisboa e Vale do Tejo (84,7%) e o Centro (84,1%).

Ao nível geográfico mais fino, os valores mais elevados concentraram-se em algumas sub-regiões do Alentejo e do Centro: particularmente no Alto Alentejo (91,1%), no Alentejo Central (90,7%) e na Beira Interior Sul (90,5%). À Região Autónoma da Madeira pertenceu a menor proporção, com 76,5% das famílias nesta condição.

As famílias cujos representantes eram incapacitados permanentes para o trabalho representavam 5,0% do total das famílias, para o conjunto do país, atingindo os valores mais elevados nas Regiões Autónomas da Madeira (8,7%) e dos Açores (7,7%). Lisboa e Vale do Tejo registou a proporção mais baixa (3,9%) comparativamente com as restantes regiões. Por outro lado, e ao nível das sub-regiões, o valor mais elevado ocorreu no Entre Douro e Vouga (10,1%), seguindo-se-lhe o Baixo Vouga (7,5%); em oposição, a Grande Lisboa registou o valor mais baixo (3,1%). Em 2001, em Portugal, existiam 3,0% de famílias com representantes domésticos. Numa comparação regional, as Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores detinham as maiores proporções, 5,9% e 4,0%, respectivamente, seguindo-se-lhes o Norte, com 3,8%. As restantes regiões registaram valores abaixo dos 3%, situando-se no Alentejo o valor mais reduzido (1,3%). Nas sub-regiões, destacam-se o Tâmega e o Alentejo Central onde ocorreram os valores máximo e mínimo, 4,9% e 1,0%, respectivamente.

As famílias cujos representantes eram estudantes foram as menos significativas, em termos percentuais, tanto no conjunto do país (1,3%), como a nível regional. Apesar destas famílias apresentarem valores proporcionais reduzidos, Lisboa e Vale do Tejo (1,7%) e o Algarve (1,5%) destacam-se por apresentarem valores mais elevados, provavelmente por serem regiões onde se concentram pólos universitários relevantes. Em algumas sub-regiões sobressaem valores elevados, como no Baixo Vouga (3,5%), na Grande Lisboa (2,5%) e no Grande Porto (2,3%), onde também se localizam importantes pólos universitários. Em oposição, o valor mínimo (0,2%) ocorreu conjuntamente no Tâmega, no Pinhal Interior Sul e no Alentejo Litoral.

2-Tipo de famílias segundo a condição perante a actividade económica do representante

Na análise dos tipos de famílias clássicas segundo a condição perante a actividade económica do representante, procedeu-se à selecção e agregação da informação de modo a simplificá-la, e transformá-la numa tipologia de família mais simples.

A análise recai sobre as famílias clássicas sem núcleos e com uma só pessoa (famílias unipessoais) e sobre as famílias constituídas por um só núcleo (núcleos familiares), devendo-se esta selecção à importância assumida no total das famílias clássicas.

A designação famílias unipessoais refere-se, pois, a famílias sem núcleos e com uma só pessoa, enquanto que, os núcleos familiares se reportam às famílias com um só núcleo. Obtiveram-se os seguintes núcleos familiares:

- núcleos compostos por casais com filhos e casais sem filhos (com agregação dos casais “de direito” com os casais “de facto”),
- núcleos monoparentais (agregação dos núcleos constituídos por mãe com filhos e pai com filhos),
- núcleos avoengos (agregação dos núcleos compostos por avós com netos, avô com netos e avó com netos).

2.1 – A actividade e a inactividade

Em 2001, em Portugal, os núcleos familiares compostos por casais com filhos e os monoparentais tinham maioritariamente representantes economicamente activos, 83,9% e 55,9%, respectivamente, enquanto que, tal não se verificou nas famílias unipessoais, nos núcleos compostos por casais sem filhos e nos avoengos.

Como seria de esperar, a inactividade foi mais significativa nos núcleos avoengos (79,0%), nas famílias unipessoais (62,7%) e nos casais sem filhos (56,8%).

A proporção de casais com filhos com representantes sem actividade económica foi pouco significativa (16,1%), comparativamente aos restantes tipos de núcleos e com as famílias unipessoais.

Quadro 3

Famílias e núcleos familiares segundo a actividade e inactividade económica dos representantes, por tipo de famílias e núcleo, Portugal, 2001

Tipo de famílias	Total	Com actividade económica	%	Sem actividade económica	%
Unipessoais	631 762	235 526	37,3	396 236	62,7
Casais sem filhos	860 287	371 929	43,2	488 358	56,8
Casais com filhos	1 649 693	1 383 413	83,9	266 280	16,1
Monoparentais	301 317	168 537	55,9	132 780	44,1
Avoengas	25 555	5 368	21,0	20 187	79,0

Fonte: INE, Censos 2001

Considerando os representantes a exercer uma actividade económica constata-se claramente uma característica comum em todas as regiões do país, ou seja, proporções mais elevadas de casais com filhos cujos representantes eram economicamente activos. No Algarve ocorreu a maior proporção (85,1%) seguindo-se-lhe de muito perto, Lisboa e Vale do Tejo (84,5%) e o Centro (84,3%).

Quadro 4

Famílias e núcleos familiares segundo a actividade económica dos representantes por tipo de família e núcleo, NUTS II, 2001

Tipo de famílias	Norte		Centro		Lisboa Vale Tejo		Alentejo		Algarve		R.A. Açores		R.A. Madeira	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Unipessoais	52 252	32,7	33 747	29,3	117 881	44,7	10 671	25,7	13 723	43,7	3 646	36,7	3 606	35,3
Casais sem filhos	114 649	45,9	62 072	36,9	148 186	46,1	18 988	33,4	16 411	41,9	5 665	43,2	5 958	50,8
Casais com filhos	521 372	83,3	235 223	84,3	451 740	84,5	67 777	83,5	48 748	85,1	29 925	81,3	28 628	80,7
Monoparentais	46 628	47,8	23 715	52,3	77 068	65,3	7 391	53,4	7 843	63,5	2 451	41,3	3 441	41,1
Avoengas	1 438	18,1	829	21,0	2 288	22,5	370	22,7	304	27,8	50	15,4	89	20,6

Fonte: INE, Censos 2001

A actividade económica foi ainda relevante nos núcleos monoparentais, facto que se estende a todas as regiões, destacando-se Lisboa e Vale do Tejo e o Algarve, onde residiam maioritariamente núcleos monoparentais com representantes activos, 65,3% e 63,5%, respectivamente. Nas restantes regiões, os valores foram mais baixos principalmente nas Regiões Autónomas, com cerca de 41% de núcleos monoparentais com representantes economicamente activos.

Os núcleos avoengos com representantes activos foram os menos significativos neste conjunto, no entanto, apresentaram valores proporcionais ainda elevados, como por exemplo no Algarve (27,8%).

A inactividade económica atinge, assim, maior relevância nos núcleos avoengos, principalmente, os residentes na Região Autónoma dos Açores (84,6%) e no Norte (81,9%), ambas as regiões com valores superiores ao nacional (79,0%).

Salienta-se ainda a importância das famílias unipessoais com representantes inactivos, em todas as regiões, com excepção do Algarve, sendo o Alentejo e o Centro as regiões onde residiam maiores proporções de famílias unipessoais com esta característica, 74,3% e 70,7%, respectivamente, facto este provavelmente ligado ao acentuado envelhecimento da população nestas regiões, onde se assistiu não só ao seu envelhecimento da população, como ao envelhecimento dos próprios idosos.

A inactividade dos representantes foi a menos significativa nos casais com filhos, quer no conjunto do país, quer ao nível regional, cujos valores não ultrapassaram os 20% de casais com filhos nesta condição, existindo, no entanto, valores mais elevados nas regiões autónomas.

Quadro 5

Famílias e núcleos familiares a inactividade económica dos representantes por tipo de família e núcleo, NUTS II, 2001

Tipo de famílias	Norte		Centro		Lisboa Vale Tejo		Alentejo		Algarve		R.A. Açores		R.A. Madeira	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Unipessoais	107642	67,32	81253	70,7	145929	55,3	30853	74,3	17676	56,3	6286	63,3	6597	64,7
Casais sem filhos	135 129	54,1	106 319	63,1	173 053	53,9	37 851	66,6	22 778	58,1	7 460	56,8	5 768	49,2
Casais com filhos	104 234	16,7	43 730	15,7	82 617	15,5	13 438	16,5	8 518	14,9	6 883	18,7	6 860	19,3
Monoparentais	50 908	52,2	21 600	47,7	40 881	34,7	6 458	46,6	4 510	36,5	3 485	58,7	4 938	58,9
Avoengas	6 506	81,9	3 114	79,0	7 898	77,5	1 260	77,3	791	72,2	275	84,6	343	79,4

Fonte: INE, Censos 2001

2.2 - O emprego e desemprego

Em Portugal, em 2001, do total de núcleos familiares compostos por casais com filhos com representantes activos, 96,3% deste tipo de núcleo tinham como representantes indivíduos empregados, seguindo-se-lhe de perto, os casais sem filhos (95,5%).

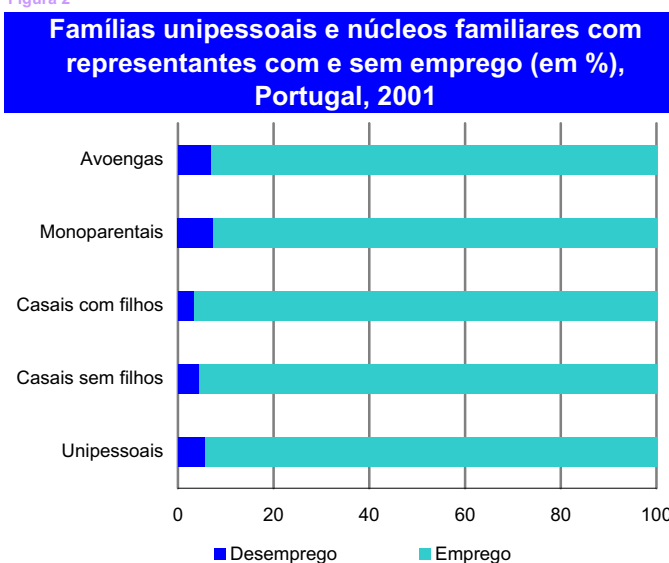
A proporção de núcleos com representantes com emprego foi ligeiramente mais baixa nos núcleos monoparentais (92,8%) e nos avoengos (93,0%), pois como atrás foi mencionado, na maior parte destes núcleos, os representantes eram indivíduos inactivos.

Como característica comum a todas as regiões surge a existência de proporções mais elevadas de núcleos com representantes empregados, nos casais com filhos e nos casais sem filhos. Nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira residiam maiores proporções de casais com filhos, cujos representantes tinham um emprego, 98,5% e 97,6%, respectivamente.

Ainda em 2001, o desemprego atingiu com maior intensidade os representantes de núcleos monoparentais no Norte (8,3%). Salienta-se ainda, 7,1% de núcleos monoparentais a residir em Lisboa e Vale do Tejo, 6,8% no Algarve e 5,3% na Região Autónoma dos Açores, tendo em comum o facto dos representantes estarem desempregados.

No Centro, Alentejo e na Região Autónoma da Madeira, residiam mais núcleos avoengos (em termos percentuais) cujos representantes estavam desempregados.

Figura 2



Fonte: INE, Censos 2001

Quadro 6

Famílias e núcleos familiares segundo o emprego e desemprego dos representantes (em %), por tipo de família e núcleo, NUTS II, 2001

Tipo de famílias	Norte		Centro		Lisboa Vale Tejo	
	Empregados	Desempregados	Empregados	Desempregados	Empregados	Desempregados
Unipessoais	93,1	6,9	95,2	4,8	94,1	5,9
Casais sem filhos	95,2	4,8	96,4	3,6	95,0	5,0
Casais com filhos	96,3	3,7	97,5	2,5	96,2	3,8
Monoparentais	91,7	8,3	93,7	6,3	92,9	7,1
Avoengas	92,6	7,4	93,1	6,9	92,9	7,1

Tipo de famílias	Alentejo		Algarve	
	Empregados	Desempregados	Empregados	Desempregados
Unipessoais	93,7	6,3	95,5	4,5
Casais sem filhos	95,8	4,2	96,7	3,3
Casais com filhos	96,9	3,1	97,2	2,8
Monoparentais	92,0	8,0	93,2	6,8
Avoengas	91,4	8,6	95,4	4,6

Tipo de famílias	R.A.Açores		R.A.Madeira	
	Empregados	Desempregados	Empregados	Desempregados
Unipessoais	97,7	2,3	97,5	2,5
Casais sem filhos	98,3	1,7	97,6	2,4
Casais com filhos	98,5	1,5	97,8	2,2
Monoparentais	94,7	5,3	95,9	4,1
Avoengas	98,0	2,0	95,5	4,5

Fonte: INE, Censos 2001

2.3 - A inactividade

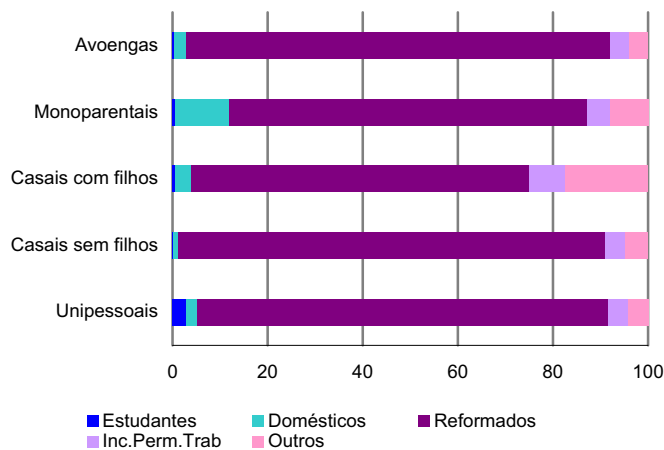
Do total de famílias clássicas cujos representantes eram indivíduos inactivos e residentes em território nacional, em 2001, a quase totalidade eram reformados assumindo, no entanto, valores diferenciados quer para cada tipologia quer para cada região.

Os núcleos compostos por casais sem filhos (89,8%) e os avoengos (89,2%) destacam-se por apresentarem os valores percentuais mais elevados tendo como representantes indivíduos reformados. Contrariamente, a proporção de casais com filhos foi mais baixa nos casais com filhos em que os representantes estavam reformados,.

Realçam-se ainda, 11,3% de núcleos monoparentais com representantes domésticos e 7,6% de casais com filhos cujos representantes estavam incapacitados para o trabalho.

Figura 3

Famílias e núcleos com representantes inactivos, por tipo e categoria (em %), Portugal, 2001

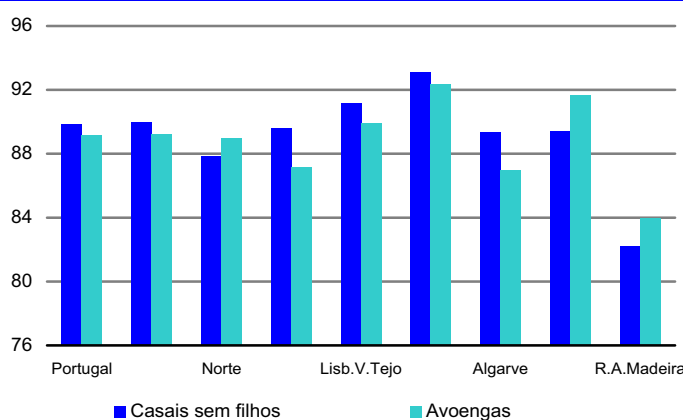


Fonte: INE, Censos 2001

Do total de famílias unipessoais e de núcleos familiares com representantes inactivos, a maioria eram reformados, sendo esta característica comum a todas as regiões e a todos os tipos de núcleos familiares. Destacam-se ainda, os casais sem filhos e os núcleos avoengos por apresentarem maiores proporções de representantes reformados, em todas as regiões.

Figura 4

Núcleos compostos por casais sem filhos e avoengos, com representantes reformados (em %), por NUTS II, 2001



Fonte: INE, Censos 2001

Nas várias regiões, a inactividade dos representantes das famílias unipessoais e dos núcleos familiares caracterizava-se pelo facto da quase totalidade estar na reforma. Os valores das proporções variam, no entanto, quer por regiões quer por tipologia, mantendo-se uma característica comum a todas elas, ou seja, a existência de um valor mais reduzido de casais com filhos cujos representantes eram inactivos. Nas sub-regiões, os valores mais baixos ocorreram no Entre Douro e Vouga e no Baixo Vouga, onde 63,0% e 65,9% dos casais com filhos tinham como representantes indivíduos reformados.

2.4 - O grupo socio-económico dos representantes das famílias

Em 2001, do total das 2,3 milhões de famílias clássicas residentes em Portugal cujos representantes tinham actividade económica, a maior parte (30,7%) dos representantes pertencia ao grupo socio-económico "Operários qualificados e semi-qualificados". Em segunda posição, 17,1% destas famílias tinham representantes pertencentes aos "Empregados administrativos do comércio e serviços".

Relativamente aos restantes grupos, ainda se destacam 7,1% de famílias cujos representantes eram “Quadros técnicos intermédios” e 7,0% “Quadros intelectuais e científicos”.

Ao nível NUTS II, mantém-se esta hierarquia, assumindo no entanto valores diferenciados em cada região. No Norte e no Centro residiam um maior número relativo de famílias com representantes pertencentes ao grupo “Operários qualificados e semi-qualificados”, 37,0% e 32,5%, respectivamente. O Algarve e Lisboa e Vale do Tejo apresentaram os valores percentuais mais baixos nesta categoria socio-económica, comparativamente com as outras regiões, mas em contrapartida apresentaram valores mais elevados na segunda, ou seja no grupo dos “Empregados administrativos do comércio e serviços”, 20,4% e 20,3%, respectivamente, regiões onde predomina o sector terciário.

Em Portugal, a maior parte dos núcleos compostos por casais com filhos, por casais sem filhos e por núcleos avoengos, 35,5%, 30,2% e 26,5%, respectivamente, tinham representantes com a categoria “Operários qualificados e semi-qualificados”, enquanto que, uma parte significativa dos núcleos monoparentais e famílias unipessoais, 26,6% e 21,7%, respectivamente, tinham como representantes indivíduos pertencentes ao grupo “Empregados administrativos do comércio e serviços”.

Ao nível regional, estas características repetem-se, com excepção do Alentejo, região onde na maior parte dos núcleos monoparentais (24,8%), os representantes eram “Trabalhadores administrativos do comércio e dos serviços não qualificados”, seguindo-se-lhe de muito perto os “Empregados administrativos do comércio e serviços”, com 24,0% de núcleos monoparentais.

3 - A dimensão média da família

3.1 – A dimensão média da família segundo a actividade económica dos seus elementos

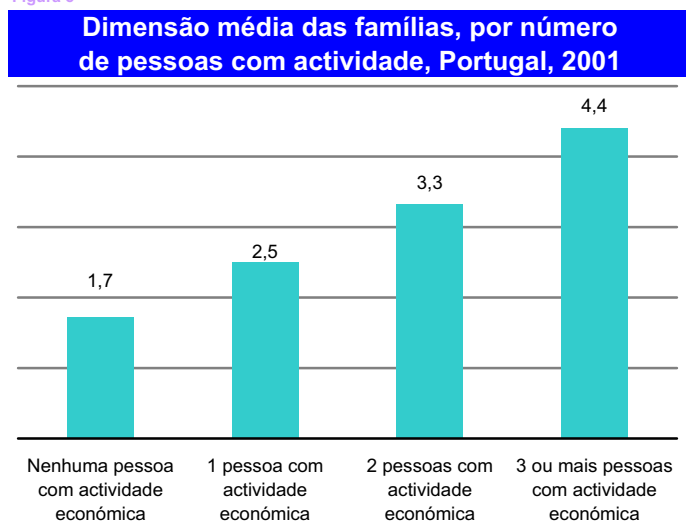
Em 2001, a dimensão média da família, em Portugal, foi de 2,8 pessoas, enquanto que, a das famílias com representantes activos se elevava a 3,1, apresentando um valor mais baixo (2,3 pessoas) as famílias representadas por inactivos. Esta situação pode ser explicada pelo facto da maioria dos casais com filhos terem representantes activos enquanto que grande parte das famílias unipessoais ou núcleos avoengos tinham representantes inactivos, sobretudo reformados.

Considerando a dimensão média das famílias segundo o número de pessoas com e sem actividade económica, constatou-se, para o conjunto do país, um valor mais elevado nas famílias com três ou mais pessoas activas (4,4), e um valor mais baixo (1,7) nas famílias sem nenhuma pessoa activa.

Neste mesmo ano, a nível regional, a dimensão média da família e a dimensão média segundo o número de pessoas activas, foram mais elevadas nas Regiões Autónomas e no Norte.

Os Açores destacam-se pela elevada dimensão média das famílias com três ou mais pessoas activas (5,5 pessoas por família). Nas famílias com duas pessoas e ambas com actividade económica, a dimensão média foi ainda significativa nas regiões autónomas, com um valor ligeiramente superior na dos Açores, com 3,7 pessoas por família. Nas restantes regiões, os valores deste indicador foram muito semelhantes.

Figura 5



Fonte: INE, Censos 2001

Quadro 7

Dimensão média das famílias segundo a região, pelo número de pessoas com actividade económica, Portugal, 2001

Número de pessoas com actividade	Norte	Centro	Lisboa e Vale do Tejo	Alentejo	Algarve	R.A. Açores	R.A. Madeira
Nenhuma pessoa com actividade económica	1,8	1,7	1,7	1,7	1,7	1,9	1,8
1 pessoa com actividade económica	2,8	2,5	2,2	2,4	2,2	3,1	3,0
2 pessoas com actividade económica	3,4	3,4	3,2	3,3	3,2	3,7	3,6
3 ou mais pessoas com actividade económica	4,6	4,4	4,1	4,2	4,3	5,5	5,4
Dimensão média total	3,0	2,7	2,6	2,6	2,6	3,3	3,3

Fonte: INE, Censos 2001

Nas sub-regiões realçam-se o Cávado e o Tâmega com elevadas dimensões médias das famílias sem nenhuma pessoa activa, ambos com 1,9 pessoas. Nas famílias com uma pessoa activa, o valor máximo deste indicador situou-se também no Tâmega (3,2). Nas famílias com duas pessoas activas, a mais elevada dimensão média (3,6) encontrou-se simultaneamente no Minho-Lima e Cávado (e Tâmega com 3,5). Por último, nas famílias com três ou mais pessoas activas, o valor mais elevado (4,9) ocorreu no Minho-Lima, no Cávado e no Tâmega, sub-região esta que destaca, na generalidade, por ter as mais elevadas dimensões da família.

3.2 – A dimensão média da família, segundo o grupo socio-económico do representante

Em Portugal, em 2001, a dimensão média das famílias foi mais elevada nas famílias com representantes pertencentes aos grupos socio-económicos “Pequenos patrões da indústria”, “Pequenos patrões do sector primário”, ambos com 3,5 pessoas por família, seguindo-se as que tinham como representantes indivíduos pertencentes ao grupo “Empresários do sector primário”, com 3,4 pessoas por cada família. A mais reduzida verificou-se nas famílias com representantes nos grupos “Profissionais intelectuais e científicos independentes”, “Quadros intelectuais e científicos”, “Quadros administrativos intermédios” e “Trabalhadores não qualificados do sector primário”, todos com 2,7 pessoas por família.

Nas Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores residiam, em termos médios, famílias mais numerosas, independentemente do grupo socio-económico do representante. Na Madeira, a dimensão média mais elevada encontrava-se nas famílias com representantes pertencentes aos grupos dos “Operários não qualificados” e “Assalariados do sector primário”, ambos com 4,1 pessoas por família. O valor mais baixo verificou-se nos “Quadros intelectuais e científicos”, com 2,7 pessoas por família. Nos Açores, a mais elevada dimensão registou-se nas famílias com representantes nos grupos “Outras pessoas activas, n.e.” (4,1) e “Pequenos patrões da indústria” (4,0). O valor mais baixo também ocorreu nas famílias cujos representantes estavam no grupo “Quadros intelectuais e científicos”, com 2,6 pessoas por família.

Relativamente aos valores máximos e mínimos apresentados pela dimensão média das famílias, e por ordem geográfica, no Norte, o valor mais elevado encontrou-se nas famílias com representantes pertencentes ao grupo “Pequenos patrões da indústria”, com 3,7 pessoas; o valor mais baixo aos dos “Quadros intelectuais e científicos” e “Trabalhadores não qualificados do sector primário”, ambas com 2,8 pessoas por família.

No Centro, as famílias mais numerosas, em termos médios, tinham representantes pertencentes ao grupo “Pequenos patrões da indústria” (3,6) e as menos numerosas ao dos “Trabalhadores não qualificados do sector primário” (2,4).

Em Lisboa e Vale do Tejo, as famílias mais numerosas tinham representantes nos grupos socio-económicos “Empresários do sector primário”, “Pequenos patrões da indústria” e “Pequenos patrões do sector primário”, cada um destes grupos com 3,3 pessoas por famílias. Em oposição, foi no grupo “Trabalhadores não qualificados do sector primário” onde se registou a menor dimensão média da família (2,1).

No Alentejo, a dimensão média mais elevada encontrou-se nas famílias com representantes pertencentes ao grupo “Pequenos patrões da indústria” (3,4) e a menor no dos “Profissionais intelectuais e científicos independentes”, “Quadros intelectuais e científicos” e “Trabalhadores administrativos do comércio e serviços não qualificados”, todos com 2,8 pessoas por família.

No Algarve, as famílias mais numerosas, em termos médios, tinham como representantes “Empresários do sector primário”, com 3,8 pessoas, e as menos numerosas “Quadros intelectuais e científicos”, “Quadros administrativos intermédios” e “Operários não qualificados”, todas com 2,5 pessoas por família.

4 – A actividade económica nos membros dos núcleos familiares

Para além da importância que assume o conhecimento da condição perante a actividade económica do representante da família torna-se essencial conhecer a mesma situação em cada membro de um núcleo familiar.

Em 2001, existiam em Portugal 1,7 milhões de casais com filhos e 947,2 mil casais sem filhos, que correspondiam a 56,7% e 30,9%, respectivamente, do total de núcleos.

Nos restantes tipos de núcleos familiares destacam-se particularmente os constituídos por mães com filhos (cerca de 305,8 mil núcleos) e que representavam 10,0% do total de núcleos.

Na maioria dos casais com filhos, ambos os membros estavam empregados (55,8%), e só em 5,9% de casais com filhos, a mulher estava empregada e o marido sem actividade económica ou desempregado. Numa parte significativa destes casais, o marido estava empregado e a mulher sem actividade económica ou desempregada (26,3%).

Nos casais sem filhos observou-se outro tipo de situação, ou seja, na maioria destes núcleos, ambos os membros estavam desempregados ou sem actividade económica (51,0%), podendo indiciar que grande parte deles seriam constituídos por casais de idosos. Por outro lado, numa parte significativa de casais sem filhos, ambos os membros estavam empregados (26,7%).

Nos núcleos familiares constituídos por mãe com filhos, na sua maioria, as mães estavam empregadas (50,2%); no entanto, uma parte importante, ou seja, em 45,0% deste tipo de núcleos, as mães não tinham actividade económica. Comparativamente aos núcleos constituídos por pai com filhos, a situação foi muito semelhante, estando a maioria deles empregados (52,1%) e uma grande parte deles sem actividade económica (44,1%).

Na maioria dos núcleos constituídos por avós com netos (avoengos), ambos os membros estavam desempregados ou sem actividade económica (67,0%), enquanto que nos constituídos por avô com netos e avó com netos, a quase totalidade dos membros não tinha actividade económica (cerca de 90% em ambos).

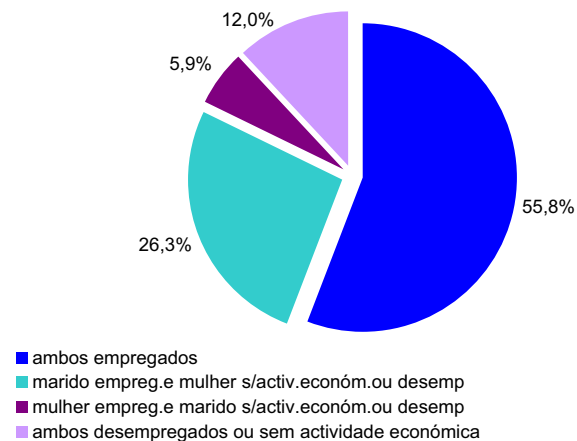
Considerando o número de crianças (membro familiar com idade inferior a 15 anos) nos casais com filhos, em Portugal, a maior parte destes casais tinha até duas crianças a integrar o núcleo familiar, podendo, no entanto, existir no núcleo outros filhos mas com idades superiores a 15 anos.

Nos casais com filhos não tendo crianças a integrar o núcleo familiar, verificou-se que na sua maioria ambos os membros estavam desempregados ou sem actividade económica (82,9%) ou a mulher estava empregada e marido sem actividade económica (62,1%).

Nos casais com filhos com uma criança, a situação altera-se, sendo que numa parte significativa destes núcleos ambos os membros estavam empregados (44,9%). O mesmo sucede nos casais com filhos com duas crianças; na maior parte destes casais ambos os membros tinham um emprego (21,2%).

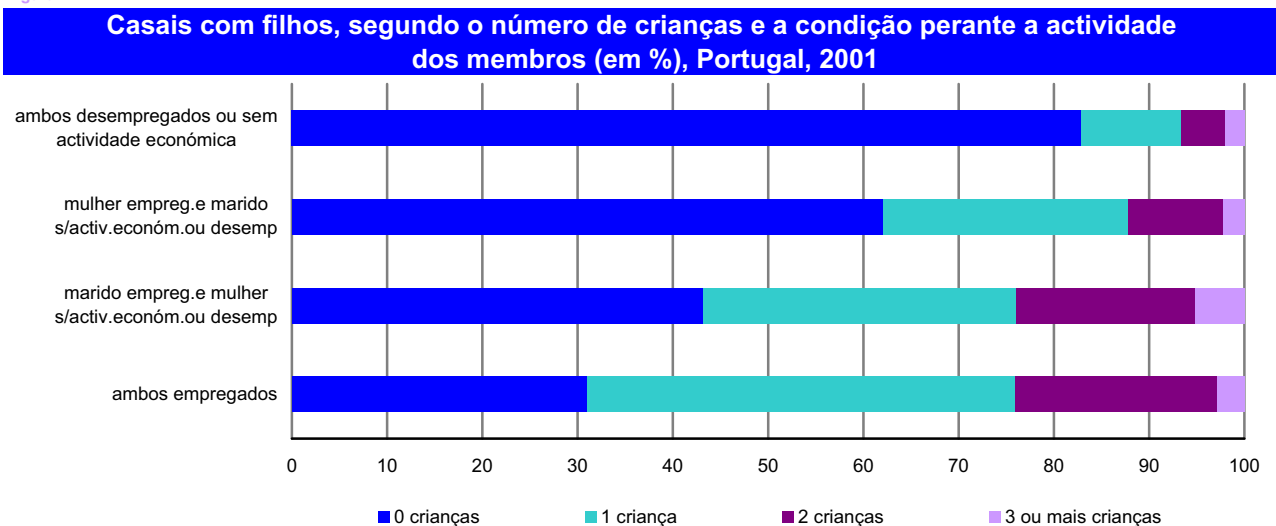
Figura 6

Casais com filhos segundo a actividade económica dos membros (em %), Portugal, 2001



Fonte: INE, Censos 2001

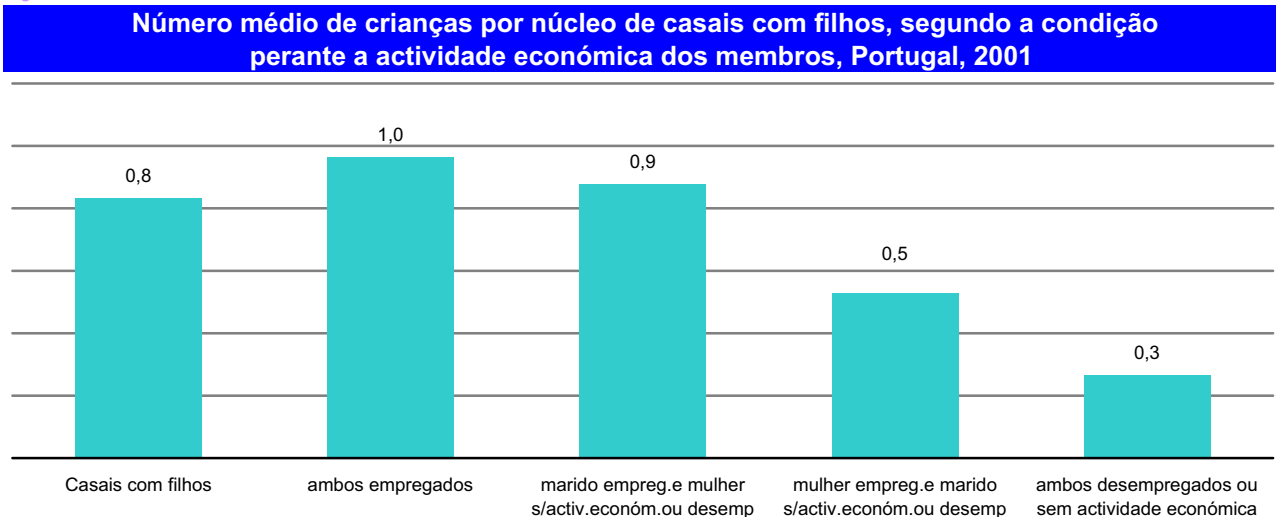
Figura 7



Fonte: INE, Censos 2001

Em Portugal, o número médio de crianças nos núcleos de casais com filhos foi de 0,8 crianças. Considerando os casais com filhos em que ambos os membros estavam empregados, o número médio de crianças sobe para 1,0 criança.

Figura 8



Fonte: INE, Censos 2001

Nos núcleos familiares constituídos por mãe com filhos, pai com filhos, avós com netos, avô com netos e avó com netos, o número médio de crianças foi ligeiramente mais baixo quando o membro ou membros destes tipos de núcleos não tinham actividade económica.

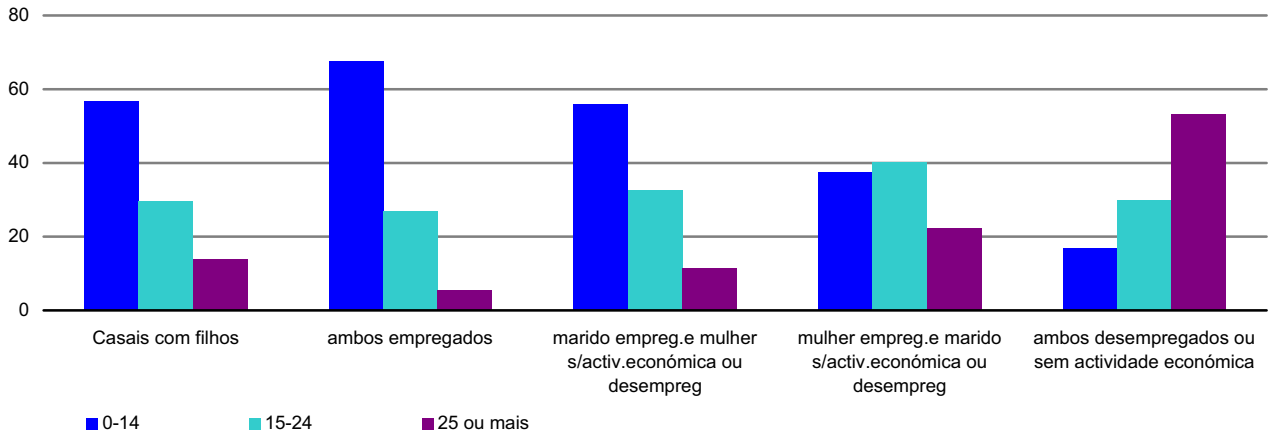
Tomando em conta os mesmos tipos de núcleos familiares e considerando o escalão etário do filho mais novo, verificou-se que em 56,7% dos casais com filhos, a idade do filho mais novo estava compreendida entre os 0 e os 14 anos de idade, com predominância nas idades entre os 0 e os 4 anos (23,7%).

Destaca-se que nos casais com filhos em que ambos os membros estavam empregados e nos casais com filhos em que o marido estava empregado e a mulher sem actividade económica ou desempregada, 67,6% e

55,8%, respectivamente, destes casais, tinham um filho mais novo com a idade compreendida entre os 0 e os 14 anos. Por outro lado, nos casais com filhos em que ambos os membros estavam desempregados ou sem actividade económica, 53,3% destes casais tinham um filho mais novo com mais de 25 anos.

Figura 9

Casais com filhos, por escalão de idade do filho mais novo, segundo a condição perante a actividade dos membros (em %), Portugal, 2001



Fonte: INE, Censos 2001

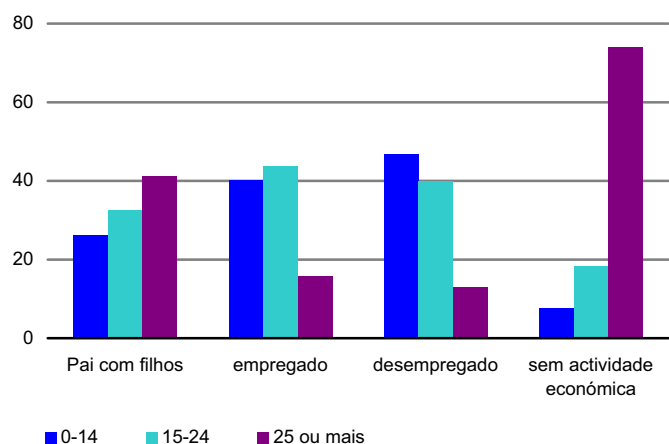
Comparando os núcleos constituídos por pai com filhos e os de mãe com filhos, verificou-se a existência de maior número percentual de núcleos de mães com filhos, em que o mais novo tinha uma idade compreendida entre os 0 e os 14 anos, qualquer que fosse a sua condição perante a actividade económica.

Por sua vez, constata-se a existência de um número maior de núcleos formados por pai com filhos (em percentagem), em que o filho mais novo tem mais de 25 anos, qualquer que fosse a sua condição perante a actividade económica.

Nos núcleos formados por pai com filhos, cujo pai estava desempregado, constatou-se ainda que, em 46,8% destes núcleos, existia um filho mais novo com a idade compreendida entre os 0 e 14 anos, enquanto que só em 13,1% existia um filho mais novo com 25 ou mais anos. Por outro lado, na situação em que o pai não tinha actividade económica, existiam 74,0% de núcleos formados por pai com filhos em que o filho mais novo tinha mais de 25 anos.

Figura 10

Pai com filhos, por escalão de idade do filho mais novo, segundo a condição perante a actividade do pai (em %), Portugal, 2001



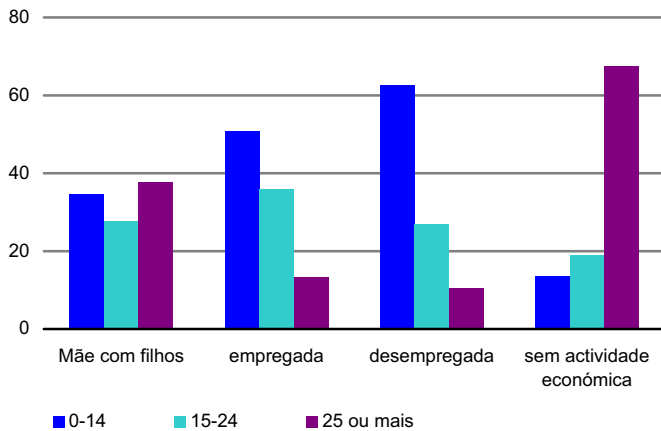
Fonte: INE, Censos 2001

Nos núcleos constituídos por mãe com filhos destacam-se as seguintes situações: nos núcleos em que a mãe estava desempregada, 62,6% tinham um filho mais novo com idade compreendida entre os 0 e os 14 anos; nos núcleos em que a mãe não tinha actividade económica existiam em 67,6% destes núcleos um filho mais novo com 25 ou mais anos.

Na maioria dos núcleos formados por avós com netos (53,2%) existia um neto mais novo com menos de 15 anos. Constatou-se ainda que predominam os núcleos avoengos onde os

Figura 11

Mãe com filhos, por escalão de idade do filho mais novo, segundo a condição perante a actividade da mãe (em %), Portugal, 2001



Fonte: INE, Censos 2001

netos mais novos tinham idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos, qualquer que fosse a condição perante a actividade dos seus membros. A excepção vai para os núcleos avoengos em que ambos os seus membros estavam desempregados ou sem actividade, em que cerca de 45% tinham como netos mais novos, netos com idades entre os 0 e os 24 anos.

Ainda nos núcleos avoengos, na situação em que ambos os membros estavam empregados, a maioria (75,3%) deles era integrada por netos, cujo mais novo tinha uma idade compreendida entre 0 e 14 anos.

Nos restantes tipos de núcleos, destacam-se, por serem numericamente mais significativos, os compostos por avó com netos, na maior parte deles (47,2%) com netos cuja idade do mais novo pertencia ao grupo etário dos 15 aos 24 anos.

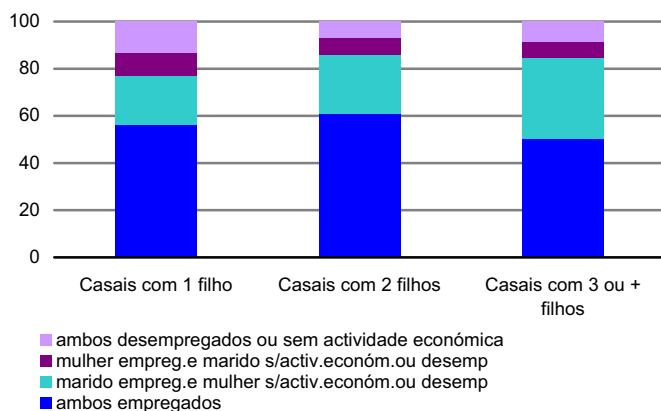
Por outro lado, sobressai o número percentual de núcleos, em que a avó estava desempregada (64,6%) e tinha a seu cargo netos cuja idade do mais novo pertencia ao grupo etário dos 0 aos 14 anos.

Nos núcleos familiares reconstituídos e considerando o total de casais como a agregação dos casais "de direito" com os de "facto", verificou-se que, em Portugal, em 2001, a maior parte destes núcleos eram compostos por casais com dois filhos (39,9%), seguidos de muito perto pelos casais com um filho (34,5% do total de casais). Os casais com três ou mais filhos representavam 25,6% do total de casais reconstituídos.

Atendendo à condição perante a actividade dos seus membros neste tipo de núcleo familiar, na maioria destes casais ambos os membros estavam empregados qualquer que fosse o número de filhos. Na situação de o marido estar empregado e a mulher sem actividade estavam um número significativo de casais reconstituídos, sendo porém mais importante nos casais com três ou mais filhos.

Figura 12

Casais reconstituídos, por número de filhos e condição perante a actividade dos seus membros (em %), Portugal, 2001



Fonte: INE, Censos 2001

Conclusões

Em 2001, a maioria das famílias clássicas tinha como representante indivíduos economicamente activos (61,6%), sendo Lisboa e Vale do Tejo e o Norte as regiões onde predomina este tipo de famílias

Do total de famílias com representantes activos, 95,8% destas famílias tinham representantes empregados, apresentando as Regiões Autónomas valores mais elevados.

Nas famílias cujos representantes estavam economicamente inactivos, predominavam os reformados (83,3%), tendo ainda algum significado os incapacitados permanentes para o trabalho (5,0%). Esta situação foi comum ao nível regional.

No Alentejo concentrava-se a maior proporção de famílias com representantes reformados (89,1%). A inactividade foi mais importante nas famílias residentes no Alentejo e no Centro, onde o envelhecimento da população foi mais acentuado.

As Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores residiam maiores proporções de famílias com representantes incapacitados permanentes para o trabalho, 8,7% e 7,7%, respectivamente.

Em Portugal, os núcleos familiares compostos por casais com filhos e os monoparentais tinham maioritariamente representantes com actividade económica.

A inactividade foi mais significativa nos núcleos avoengos e nas famílias unipessoais.

A quase totalidade dos representantes activos de casais com filhos tinha um emprego, sendo este pouco significativo núcleos avoengos e nos monoparentais.

A maior parte das famílias clássicas tinha representantes com a categoria socio-económica “Operários qualificados e semi-qualificados”.

As dimensões médias da família com representantes activos e inactivos foi de 3,1, e de 2,3 pessoas por família, respectivamente.

As Regiões Autónomas destacam-se pela elevada dimensão da família comparativamente com as restantes regiões, qualquer que fosse o número de pessoas com actividade económica dentro de cada família.

Em termos médios, as famílias cujos representantes pertenciam ao grupo socio-económico “Pequenos patrões da indústria” e “Pequenos patrões do sector primário”, eram mais numerosas, ambas com 3,5 pessoas por família.

Do total de casais com filhos predominam os casais em que ambos os membros estavam empregados (55,8%); na maioria dos casais sem filhos ambos os membros estavam desempregados ou sem actividade económica (51,0%).

Nos núcleos constituídos por pai com filhos ou por mãe com filhos, na maior parte deles, o pai ou a mãe estavam empregados (52,1% e 50,2%, respectivamente).

A maior parte dos casais com filhos tinham até duas crianças por núcleo, sendo o número médio de 0,8 crianças.

Na maioria dos casais com filhos, a idade do filho mais novo era inferior a 15 anos, com predominância nas idades entre os 0 e os 4 anos.

Na maioria dos casais reconstituídos ambos os membros estavam empregados independentemente do número de filhos.

A informação censitária disponível é muito vasta e permite desenvolver vários estudos nesta área, possibilitando outro tipo de análises.

Bibliografia

INE (2000) “Programa Global Censos 2001 – Portugal, INE”

INE (2002), XIV Recenseamento Geral da População, 2001 – Resultados definitivos, Portugal, INE

“Le chômage au sein des ménage”, François Brunet, Dominique Goux et Christine Thiesset, INSEE (nº 775-Mai 2001)